

Cynthia Hand

Bestseller do New York Times

O ÚLTIMO
ADEUS

Romance

Como superar a ausência
e a culpa se não dissermos
o último adeus?

TOP
SEL
LER

5 de fevereiro

Antes de mais, quero deixar bem claro que a ideia de escrever isto não foi minha. Foi do Dave. O meu psiquiatra. Ele acha que eu tenho dificuldade em expressar os meus sentimentos, daí ter sugerido que os escrevesse num diário — para deitar tudo cá para fora, disse ele, tal como os médicos de antigamente tinham o costume de fazer sangrias aos seus doentes de modo a drenar os venenos ocultos. O que acabava quase sempre por matá-los, não obstante as boas intenções dos doutores, note-se.

A nossa conversa foi mais ou menos assim:

Ele quis que eu tomasse antidepressivos.

Eu mandei-o enfiá-los num sítio que eu cá sei.

A partir daí, ficámos num impasse.

— Tentemos uma abordagem diferente — disse ele, finalmente, voltando-se para trás para alcançar um pequeno livro de capa preta. Estendeu-mo. Peguei-lhe, abri-o e olhei para o Dave, visivelmente confusa.

O livro estava em branco.

— Acho que poderias tentar a escrita, como alternativa — disse ele. — É um bloco de notas Moleskine — acrescentou, quando finalmente percebeu que eu me limitava a olhar para ele. — O Hemingway costumava escrever neles.

— Uma alternativa a quê? — perguntei. — Ao Xanax?

— Peço-te apenas que experimentes durante uma semana — respondeu-me. — Escrever no diário, claro.

Tentei devolver-lhe o livrinho.

— Não sou escritora.

— Já reparei que sabes ser extremamente eloquente quando queres.

— Mas porquê? Qual é o objetivo?

— Precisas de um escape — disse ele. — Guardas tudo dentro de ti e isso não te faz bem nenhum.

Porreiro, pensei. A seguir ia dizer-me para comer muitos legumes, não me esquecer das vitaminas e ter sempre oito horas ininterruptas de sono.

— Estou a ver. E o Dave ia lendo? — perguntei, sabendo que não havia a mais remota hipótese de eu me meter nisso. Falar uma hora por semana sobre uma vida inesperadamente trágica já era mau. Nem morta, eu transcreveria os meus pensamentos num diário para ele o levar para casa e analisar a minha gramática.

— Não — disse o Dave. — Mas tenho esperança que te venhas a sentir suficientemente confortável para um dia conversares comigo acerca do que escreveste.

Pouco provável, pensei. Mas limitei-me a dizer:

— OK. Mas não esteja à espera de um Hemingway.

Nem sei como é que concordei fazê-lo. Talvez por querer mostrar-me uma boa paciente, acho eu.

O Dave pareceu divinamente agradado consigo próprio.

— Não quero que sejas nenhum Hemingway. O Hemingway era um cretino. Quero que escrevas o que quer que te dê na gana. A tua vida diária. Os teus pensamentos. Os teus sentimentos.

Eu não tenho sentimentos, apeteceu-me dizer-lhe, mas em vez disso assenti, talvez por vê-lo tão expetante, como se o estado da minha saúde mental dependesse inteiramente da minha cooperação na escrita de um diário idiota.

Mas às tantas, ele disse-me:

— E creio que, para isto resultar verdadeiramente eficaz, também deves escrever sobre o Tyler. — O que fez com que todos os músculos do meu maxilar enrijecessem involuntariamente.

— Não posso — consegui balbuciar por entre os dentes cerrados.

— Não escrevas sobre o fim — sugeriu o Dave. — Tenta escrever sobre uma altura em que ele foi feliz. Quando foram felizes juntos.

Abanei a cabeça.

— Não me consigo lembrar.

O que até era verdade. Mesmo ao fim de quase sete semanas, uns meros 47 dias sem interagir com ele todos os dias, sem lhe atirar ervilhas à mesa da cozinha, sem o ver nos corredores da escola e agir como se ele me fosse indiferente — como qualquer irmã mais velha faria — a imagem do Ty tem surgido completamente esfumada na minha mente. Não consigo visualizar o Ty que não morreu. O meu cérebro gravita sempre em direção ao fim. Ao corpo. Ao caixão. À sepultura.

Nem sequer conseguia pensar na noção feliz.

— Centra-te nos inícios e nos finais — orientou-me ele. — Isso vai ajudar-te a recordar. Por exemplo: há coisa de 20 anos, tive um Mustang de 83. Dedicava-me imenso àquele carro, e adorava-o mais do que conseguia admitir, mas hoje, tantos anos passados, não consigo ter uma imagem nítida dele. Mas se começar a pensar nos inícios e nos finais dessa era com o Mustang, consigo descrever na perfeição a primeira vez que o conduzi, ou a última longa viagem que fiz com ele, ou a primeira vez que namorei no banco de trás com a rapariga que veio a tornar-se minha mulher, e visualizo tudo isso na perfeição. — Pigarreou. — São esses momentos-chave que brilham mais intensamente nas nossas mentes.

Não se trata de um carro, pensei. Mas do meu irmão.

Além disso, constatara que o Dave tinha acabado de me contar que fez sexo com a mulher no banco de trás do Mustang. O que era a última coisa que eu desejaria imaginar.

— Pronto, será este o teu compromisso oficial — disse ele, recostando-se como se dando a coisa por garantida. — Escreve sobre a última vez que te lembras de ver o Tyler feliz.

O que me leva ao agora.

Escrever num diário sobre o que eu não quero escrever num diário. Estou consciente da ironia.

Mas agora a sério: eu nunca fui grande escritora. Tirei um 65% na secção Redação do meu SAT, que é mais do que decente, mas a que ninguém deu particular atenção quando comparado com o meu perfeito 90% a Matemática. Nunca tive um diário. O meu pai ofereceu-me um quando fiz 13 anos, com a capa cor-de-rosa com um cavalo. Acabou entalado na parte detrás da minha estante, juntamente com a NIV Teen Study Bible e a Seventeen Ultimate Guide to Beauty e todas as outras tretas que seria suposto prepararem-me para a vida entre os 13 e os 19 anos — como se alguma vez alguém se preparasse para isso. E que continuam todas lá, cinco anos depois, no mesmíssimo sítio, a ganhar pó.

Essa não sou eu. Já nasci com números no cérebro. Penso em equações. O que poderia fazer, sim, para conseguir mesmo pôr tudo por escrito e produzir algo de útil, seria pegar nas minhas memórias, nestes fugazes e dolorosos momentos da minha vida, arranjar maneira de os somar e subtrair e dividir, inserir variáveis e movê-los, tentar isolá-los, descobrir-lhes os significados inatingíveis, traduzi-los de possibilidades para certezas.

Tentar solucionar-me. Descobrir onde e quando é que tudo correu mal. Como é que cheguei aqui, de A para B, sendo A a Alexis Riggs segura de si, forte e esperta e que se ria muito e chorava de vez em quando e nunca falhava nas coisas importantes.

Até... isto.

Mas em vez disso, as páginas em branco bocejam para mim. A caneta parece estranha e desconfortável na minha mão. E é tão mais pesada do que um lápis. Permanente. Na vida não há borrachas.

Riscar tudo e começar de novo.

capítulo 1

A MÃE ESTÁ NOVAMENTE A CHORAR, ESTA MANHÃ. Ultimamente é como se, de vez em quando, uma torneira se abrisse dentro dela. Quer andemos nas compras no supermercado, ou às voltas dentro do carro ou simplesmente a ver televisão, olho para ela e lá está a chorar silenciosamente — como se nem sequer se apercebesse de que o está a fazer — sem soluçar, lamentar-se ou fungar, apenas um rio de lágrimas escorrendo-lhe pela cara abaixo.

Adiante. Esta manhã prepara-me o pequeno-almoço, como sempre fez todas as manhãs da minha vida. Raspa os ovos mexidos da frigideira para o meu prato, barra manteiga na torrada, prepara-me um copo de sumo de laranja e coloca tudo sobre a mesa da cozinha.

Sempre a chorar.

Enquanto ela verte águas, eu tenho de agir como se nada de anormal se passasse, como se fosse perfeitamente natural a nossa mãe chorar para cima do nosso pequeno-almoço. Como se não me afetasse. Então digo algo motivador como: *Que ótimo aspeto, mãe. Estou esfomeada!* E começo a empurrar a comida queimada para a borda do prato de uma forma que, espero, a deixo convencida de que estou a comer.

Se isto se passasse antigamente, se o Ty estivesse aqui, fá-la-ia rir. Faria bolhas com a palhinha no leite com chocolate. Desenharía uma cara com o bacon e os ovos, fingiria falar com ela, e gritaria como se fosse o protagonista de um filme de terror, enquanto comia lentamente um dos *olhos*.

O Ty saberia como resolver as coisas. Eu não.

Ela senta-se à minha frente, as lágrimas escorrem-lhe pelo queixo, e cruza as mãos sobre o colo. Paro de fingir que estou a comer e baixo a cabeça porque, apesar de ter deixado de acreditar em Deus há pouco tempo, não quero complicar as coisas ao demonstrar o meu crescente ateísmo perante a minha mãe. Não agora. Ela já tem o suficiente com que se preocupar.

Mas, em vez de rezar, ela limpa a cara molhada com o guardanapo e olha-me com olhos brilhantes, as pestanas subitamente coladas. Respira fundo, da maneira como fazemos quando estamos prestes a dizer alguma coisa importante. E sorri.

Não me lembro da última vez que a vi sorrir.

— Mãe — digo. — Estás bem?

E é aí que ela o diz. A cena de doidos. A cena com a qual não sei lidar.

— Acho que o teu irmão ainda está cá em casa — diz ela.

Explica-me então que ontem à noite deu por si a acordar de um sono profundo sem qualquer razão. Levantou-se e tomou um copo de vinho e um *Valium*. Para a ajudar a dormir novamente, justifica-se. Estava diante do lava-loiças quando, de repente, lhe cheirou à colónia do meu irmão. A todo o seu redor, acrescenta.

Como se ele estivesse em pé ao lado dela, diz.

É inconfundível, aquela colónia. O Ty comprou-o há dois Natais no Walmart, uma embalagem de quase litro e meio, um frasco gigante verde-lamacento-radioativo de *Brut* — «a essência do homem», gabava-se a embalagem. Sempre que o meu irmão usava aquilo, o que acontecia muitas vezes, o cheiro enchia a sala. Como se houvesse uma nuvem a flutuar dois metros acima dele à medida que ele percorria o átrio da escola. E não é que cheirasse mal, propriamente, mas impunha-nos esta estranha absorção dos sentidos. *CHEIRA-ME, exigia. Não cheiro a homem? AQUI ESTOU EU.*

Engulo uma garfada de ovos e tento pensar em algo para dizer que possa ajudar.

— De certeza que aquele frasco lança uma espécie de... baforadas espontâneas — digo-lhe por fim. — E como a casa tem correntes de ar...

Estás a ver, mãe? Uma explicação perfeitamente lógica.

— Não, Lexie — diz ela, abanando a cabeça, com os restos do sorriso estranho ainda nos cantos da boca. — Ele está cá. Sinto-o.

Bom, ela não parece doida. Parece esperançosa. Como se as últimas sete semanas tivessem sido um pesadelo. Como se não o tivesse perdido. Como se ele não estivesse morto.

Isto vai ser um problema, penso.

capítulo 2

VOU PARA A ESCOLA DE AUTOCARRO. BEM SEI que é uma afirmação ousada de se fazer, sendo eu finalista do secundário, principalmente quando tenho carro, mas no paradoxo milenar de ter de escolher entre tempo e dinheiro, irei sempre escolher o dinheiro. Vivo na pequenina e pacata cidade de Raymond, Nebraska (população: 179), mas estudo na grande metrópole de Lincoln (população: 258 379). A escola secundária fica a 19,9 quilómetros de minha casa. O que dá 39,8 quilómetros — ir e vir. O cangalho do meu *Kia Rio* (ao qual me refiro, de forma não muito afetuosa, como *o Chaço*) faz cerca de 12,4 quilómetros por litro, e a gasolina neste canto do Nebraska fica a uma média de 0,94 dólares por litro. Portanto, ir para a escola de carro ficava-me a 3,07 dólares por dia. Há 179 dias de escola este ano, o que perfaz uns belos 549,53 dólares, tudo para poder ter uns 58 minutos a mais no meu dia.

É uma escolha óbvia. Tenho de pagar a faculdade para o próximo ano. Tenho poupanças sérias, um plano. Parte desse plano envolve andar no autocarro escolar.

Eu gostava do autocarro, na verdade. Antes, quero dizer. Quando era capaz de colocar os fones nos ouvidos e pôr o Bach no máximo e ver o Sol nascer sobre os milheirais brancos e vazios e as quintas cliché agastadas pelo sol, escondidas atrás da estrada. Os moinhos de vento a girar lá fora. As vacas a juntarem-se para se aquecerem. Aves — juncos cinzentos e chapins e os ocasionais vislumbres brilhantes de cardeais — a deslizar sem esforço através do ar de inverno. Era tranquilo, acolhedor e agradável.

Mas desde que o Ty morreu, sinto que toda a gente no autocarro me observa, algumas pessoas por simpatia, claro, prontas a acorrerem de imediato com um lenço se necessário, mas outras como se eu me tivesse tornado em algo perigoso. Como se tivesse o gene mau no sangue, como se a minha vida triste fosse algo que se pudesse transmitir através do contacto casual. Como uma doença.

Sim, sim, pois, pois... que se lixem.

Claro que é inútil estar zangada. Improdutivo. Eles não têm noção ainda. Não compreendem que estão, todos eles, à espera de um telefonema que irá mudar tudo. Que cada um deles vai acabar por se sentir como eu. Porque alguém que amam morrerá. É uma das certezas cruéis da vida.

Portanto, com isso em mente, tento ignorá-los, aumento o volume da minha música e leio. E não descolo os olhos do livro até termos feito os 19 quilómetros até à escola.

Esta semana estou a reler *Uma Mente Brilhante*, que é uma biografia do matemático John Nash. Fizeram um filme, que teve muito pouco de matemática na minha opinião, mas que de resto era bom. O livro é fantástico. Gosto de pensar sobre a forma como Nash concebeu o nosso comportamento como algo matemático. Esse era o génio dele, mesmo que tenha enlouquecido e começado a ver pessoas imaginárias: ele entendeu as ligações entre números e o mundo físico, entre as nossas ações e as equações invisíveis que as governam.

Veja-se a minha mãe, por exemplo, e a sua declaração que o meu irmão ainda está connosco. Ela está a tentar reestruturar o nosso universo para que o Ty não desapareça. Como a forma como um peixe agita violentamente o corpo na areia quando dá à costa, uma reação involuntária, um mecanismo de sobrevivência, na esperança de que se consiga agitar de volta para a água.

A minha mãe está a tentar encontrar o seu caminho de volta para a água. Faz sentido, se eu encarar isso dessa perspetiva.

Não que seja saudável. Não que eu saiba como lidar com o assunto.

Não acredito nem por um segundo que o Ty ainda lá está em casa. Foi-se. No segundo em que ficou sem vida, no segundo em que os neurónios no cérebro pararam de disparar, deixou de ser o meu irmão. Tornou-se um conjunto de células mortas. E agora, graças aos milagres do processo moderno de embalsamamento, está em vias de se tornar num caixão cheio de gosma verde.

Nunca mais o vou voltar a ver.

O pensamento traz-me de volta o buraco no peito. Isto continua a acontecer, de poucos em poucos dias, desde o funeral. Sinto-o como se uma cavidade profunda e gigante se abrisse entre a minha terceira e quarta costelas do lado esquerdo, um espaço vazio que me faz sentir o assento de vinil do autocarro atrás das omoplatas. Dói, e todo o meu corpo se contrai com a dor, os meus maxilares trancam-se e os punhos cerram-se e a respiração congela-se-me nos pulmões. Sinto-me sempre

como se pudesse morrer, quando isto acontece. Como se estivesse a morrer. Então, tão de repente como apareceu, o buraco enche-se novamente. Consigo respirar. Tento engolir, mas a minha boca ficou seca como um deserto.

O buraco é o Ty, acho eu.

O buraco é algo como mágoa.

No geral, a escola decorre sem nada de extraordinário. Flutuo nela em piloto automático, perdida em pensamentos sobre John Nash e peixes dados à costa — e a logística de como as correntes de ar poderiam ter levado o cheiro da colónia do meu irmão de onde ela está, num frasco cheio de pó na casa de banho da cave, escadas acima até à cozinha, para confundir totalmente a minha mãe.

Por fim, dirijo-me para o que costumava ser para mim a melhor aula do dia: sexto tempo, Laboratório de Cálculo Avançado. Gosto de lhe chamar a Central dos Nerds, a maior concentração das pessoas mais inteligentes da escola, possível de ser encontrada num dado lugar.

O meu lar, doce lar.

O objetivo desta aula é dar tempo aos alunos para estudarem e fazerem o seu trabalho de cálculo. Mas porque somos *nerds*, todos nós terminamos o trabalho de casa nos primeiros dez minutos de aula. Depois passamos o resto da hora a jogar cartas: Póquer, Batalha, Copas, *Rummy*, o que quer que nos apeteça.

A nossa professora, a brilhante e matematicamente fantástica stora Mahoney, senta-se na sua secretária na frente da sala e finge que estamos a fazer trabalho académico sério. Porque é uma espécie de hora livre para ela, também, uma vez que os cortes no orçamento da escola lhe eliminaram a hora de preparação.

Ela tem um fraquinho por vídeos de gatos no *YouTube*.

Todos temos as nossas fraquezas.

Então aqui estamos nós, num empolgante jogo de póquer fechado. Eu estou em altíssima vantagem. Tenho três ases. Que é um lindo problema de matemática por si próprio — a possibilidade de obter três ases na mão é de $94/54,145$ ou (falando em termos de probabilidades) de 575 para 1 , o que é estupidamente improvável, quando pensamos nisso.

A Jill está sentada à minha esquerda, a enrolar uma mecha do seu cabelo ruivo brilhante em torno do dedo. Acho que ela quer fazer com que o girar de cabelo pareça alguma espécie de aviso, como se tivesse uma mão incrível, mas provavelmente significa precisamente o contrário. A Eleanor está sentada à minha direita e tem uma mão péssima,

algo que eu sei porque ela simplesmente se sai com um «Tenho uma péssima mão» e desiste. Isto é a El — diz sempre o que pensa, sem filtros.

O que nos leva ao Steven, que está sentado à minha frente com uma mão muito boa. Como é que eu sei? Ele está a tentar ser impassível, algo em que falha em todos os sentidos. É uma das coisas de que eu costumava adorar no Steven — a sua incapacidade de esconder os sentimentos. Dá para ver de forma fiável o que lhe vai na cabeça através daqueles seus grandes olhos castanhos. Que neste momento estão definitivamente felizes com as cartas que recebeu.

Portanto sim, tem uma boa mão, mas será tão boa quanto a minha? Três ases? Afigura-se-me difícil.

— Cubro a tua aposta e aumento cinquenta *Skittles*. — Conto e empurro os doces para o centro da mesa.

Os jogadores inspiram coletivamente — é um monte de doces.

O Steven olha para mim com expressão duvidosa.

— E então? — digo, em tom de desafio, e penso: *Lá por termos acabado não significa que eu tenha de te facilitar a vida. Só porque algo de mau aconteceu não significa que tenhas de me facilitar a minha.*

Mas antes que ele possa responder, a professora Mahoney chama-me:

— Alexis, posso falar contigo um minuto?

A destacar-me dos demais. Não pode ser coisa boa.

Coloco as minhas cartas sobre a mesa, viradas para baixo, e dirijo-me algo relutante até à mesa dela. Está a morder o lábio inferior, outro mau sinal.

— Que se passa? — digo em tom chilreante.

— Queria falar contigo sobre isto.

Empurra para mim uma folha de papel sobre a secretária.

O teste intercalar da semana passada.

Que conta 25 por cento da minha nota final.

Sobre o qual, ao lado do meu nome, está rabiscado um grande 71% a vermelho.

Empurro os óculos para cima e examino a inócua folha de papel, horrorizada. Aparentemente tenho as respostas de três problemas inteiros completamente erradas, e num quarto problema ela deu-me apenas nota parcial. Isto em *dez* problemas no total.

71 por cento.

Um 13.

Engulo em seco. Não sei o que dizer.

— Eu sei esta matéria — digo com voz rouca depois de alguns segundos excruciantes, a olhar para o teste mais uma vez. Ver os meus próprios erros gritantes tão claramente parece algum tipo de piada cruel.

Lá se vai o meu 18, aposto. *Buum*.

— Lamento muito — diz a professora Mahoney calmamente, como se todos na sala não se estivessem a esforçar para ouvir esta conversa. — Posso deixar-te repeti-lo na sexta, se achas que ajuda.

Demoro alguns segundos a entender. Aquilo pelo qual ela lamenta muito. A razão pela qual me está a dar uma segunda oportunidade, quando ela nunca dá segundas oportunidades.

As vossas notas são um facto, diz ela sempre. Têm de aprender a lidar com os factos.

Endireito-me.

— Não. Eu assumo este. — Agarro num canto da folha e puxo-a para mim, pego nela, dobro-a ao meio para esconder a nota. — No exame final faço melhor.

Ela anui com um meneio de cabeça.

— Lamento muito, Lex — diz ela, novamente.

O meu queixo ergue-se.

— Pelo quê? — pergunto, como se não soubesse. — Não foi a senhora a ter má nota no teste. Fui eu.

— Sei que as coisas têm sido difíceis desde que o Tyler...

E faz uma pausa.

Meu deus, eu odeio essa pausa, enquanto a pessoa que fala procura a forma mais diluída possível para dizer *morreu*, como se usar outro termo fizesse com que fosse menos terrível: coisas como fechar os olhos, como se a morte fosse algum tipo de sesta; *partir*, como se fosse um período de férias; *expirar*, que é suposto ser mais técnico, mas soa como se o falecido fosse uma embalagem de leite com uma data carimbada, após a qual se torna... bom, leite azedo.

— Se matou — completei a frase por ela.

Pelo menos eu estou determinada a ser direta sobre a questão. O meu irmão suicidou-se. Na nossa garagem. Com uma espingarda de caça. Isto faz a coisa parecer o jogo mais mórbido de *Cluedo* de sempre, mas não é.

Os factos.

Temos de aprender a lidar com os factos.

— Eu estou bem — digo-lhe. Depois, insisto: — No exame final faço melhor.

Ela olha para mim, os olhos cheios daquela terrível pena.

— Há mais alguma coisa? — pergunto.

— Não, é... é tudo, Alexis — diz ela. — Obrigada.

Regresso à mesa de póquer. Consigo sentir os olhares dos outros alunos em mim, os meus amigos, os meus colegas, a maioria dos quais conheço pelo menos desde o sexto ano e com os quais participei no Clube de Matemática ou na equipa das Olimpíadas da Ciência ou no Campeonato de Física, ao longo dos últimos quatro anos. Agora estão todos a pensar que eu devo ser tão fria e clínica, para dizer uma coisa daquelas. Como se eu não me importasse. Como se claramente não amasse o meu irmão, descartando assim tão facilmente o facto de ele estar morto.

Sento-me, enfió o malfadado teste na minha mochila, e tento encarar os meus amigos. O que se está a tornar em algo a modos que impossível. Os olhos de Jill estão brilhantes de lágrimas. Não posso olhar para ela, ou sei que vai começar a soluçar. O que poderia desencadear a mesma reação em todas as raparigas na sala, exceto, possivelmente, a El. Porque o choro histérico feminino, ao contrário do suicídio, é definitivamente contagioso.

Podia ir-me embora, creio. Podia simplesmente sair, atravessar o corredor, sair da escola, enfiar-me pela frígida tarde de 6 graus negativos adentro e fazer a caminhada de 19 quilómetros até casa. Morrer congelada é capaz de ser preferível a isto. A professora Mahoney deixava-me ir. Sei que não ficaria em apuros.

Mas é precisamente por não ficar em apuros que não posso sair.

Não posso ter um tratamento especial, não por causa disto.

Portanto, pego nas minhas cartas e tento sorrir, e falho completamente, e digo, de forma tão casual que me é possível:

— Ora bem, vamos a isto... Onde é que íamos?

Ah, sim. Três ases.

— Lex — diz a El —, que nota é que...

Aponto para o Steven.

— Creio que ias cobrir uma aposta.

Ele abana a cabeça.

— Eu saio.

Desta vez, o que lhe está escrito na cara é que tem mais coisas que quer dizer. Muitas mais. Mas não sabe se isso ainda é responsabilidade dele, tentar reconfortar-me. Ele não sabe como me reconfortar. Portanto, sai.

Olho para a El. Ela não me olha nos olhos, mas encolhe um ombro e olha para as unhas como se estivesse aborrecida.

— Eu tinha uma mão da treta, lembrás-te?

— Beaker? — incito.

A Jill acena com a cabeça e inspira de forma entrecortada e empurra o resto dos seus *Skittles* para o centro da mesa.

— Aposto tudo — diz ela.

Ela não tem nada. Um mero par de damas.

Coloco as minhas cartas sobre a mesa, ases virados para cima. E assim... VIVA!!! Ganho todos os doces. Mas sinto-me como se tivesse perdido algo tão mais importante...

capítulo 3

É MAIS TARDE, NESSA MESMA NOITE, QUE AQUILO acontece.

É uma noite normal, pós-Ty. Eu estou de pijama na sala de estar do rés do chão, a descansar na poltrona reclinável que era do meu pai. A minha mãe está lá em cima no sofá da sala, ainda com a bata de trabalho, a ler *Quando Acontecem Coisas Más às Pessoas Boas*. A cada poucas linhas vai sublinhando algo — como costuma fazer com este tipo de livros que as pessoas nos continuam a oferecer — como se cada coisa que o autor dissesse lhe fosse diretamente dirigido. Mas, pelo menos, não está a chorar. Não está a falar sobre fantasmas. Está funcional.

Portanto, deixei-a a ler, e nas últimas horas tenho estado a mastigar pipocas de micro-ondas ligeiramente queimadas e a fazer *fast forward* pelos anúncios publicitários no DVR, enquanto assisto a um episódio de *Ossos*. Estou a planear ver as repetições da segunda temporada até ficar demasiado cansada para conseguir acompanhar o enredo, ou seja, demasiado cansada para remoer uma e outra vez no pequeno desastre de cálculo de hoje.

A noite resumiu-se praticamente a um cadáver mutilado após o outro.

Estou a tentar imunizar-me aos mortos. A tentar pensar em nós, todas as criaturas nesta nossa verde Terrinha, como carne. Leite azedo. Gosma verde. Tanto faz. Algo que há de inevitavelmente de apodrecer. Não sei porquê, mas ajuda-me encarar a morte como algo inescapável, inevitável e certo.

Sim, é confuso, eu percebo. Mas cada um faz o que tem de fazer. E assim acontece que às 10:11 exatas, já quase a acabar de ver o episódio número 17, cheira-me à colónia do meu irmão.

Forte.

CHEIRA-ME, diz. *AQUI VOU EU*.

Não tenho tempo para processar isto. Se pudesse parar e pensar, conseguiria racionalizar que o frasco de água-de-colónia está muito mais

perto de onde estou sentada (na cave, apenas a uns quatro metros e meio da casa de banho) do que estava em relação à minha mãe, quando ela sentiu o cheiro no andar de cima, na noite passada. Seria fácil de explicar.

Mas não tenho tempo para pensar. Porque assim que desvio o olhar da televisão por uma fração de segundo, para ver as horas no meu telemóvel, olho para cima e...

Ali está ele.

De pé junto à porta do quarto dele, com as suas calças de ganga favoritas e uma t-shirt branca.

Ty.

Não penso.

Grito e atiro-lhe com o meu telemóvel.

Ele desaparece antes de o telemóvel o atingir, como um relâmpago a iluminar o céu, a sua imagem presente num segundo e sumida no outro. O meu telemóvel acerta na parede com um estalar doentio.

— Lexie? — chama a minha mãe lá de cima, a voz abafada pelas camadas de madeira e carpete entre nós. — O que foi isso?

Não consigo recobrar o fôlego.

Ty.

— Lex? — chama novamente a minha mãe.

— Eu estou bem — digo eu. — Está tudo bem...

Obrigo-me a levantar e a ir buscar o telemóvel. Tenho as mãos a tremer enquanto tento avaliar os danos, e não apenas por ter visto o Ty. Porque parti o telemóvel.

Porque há algo no telemóvel que não quero nunca perder. Que não posso perder. Não posso.

Clico no botão de ligar e olho para o ecrã preto rachado. O meu próprio reflexo fragmentado olha-me de volta. Pareço completamente apavorada.

O ecrã pisca.

Continua. Reinicia-se.

Fecho os olhos por alguns segundos. Por favor, penso. Por favor.

Surpreendentemente, além do ecrã rachado, o telefone parece estar bem. Corro as mensagens, ando para trás e para trás ao longo das centenas de mensagens de apoio que se acumularam ao longo das últimas seis semanas, os *lamento imenso* e *estou a rezar por ti e pelos teus* e *conta connosco para*, até chegar a uma mensagem de 20 de dezembro.

A noite em que o Ty morreu.

Ainda lá está.

Fico com a visão turva, por isso não consigo ver as palavras, mas já não preciso de as ver. Não sei mesmo porque é que a ideia de perder esta mensagem me deixou tão em pânico. Nunca vou perder esta mensagem. Vai-me ficar gravada no cérebro para o resto da vida.

Permiti-me respirar. Demora-me dois ou três bons fôlegos profundos antes de poder sequer tentar compreender o que aconteceu.

Tyler.

Ty. A palavra é como um batimento cardíaco.

Fito o local onde ele estava.

— Ty... — sussurro.

Mas a sala está vazia.

O meu irmão não está aqui.

9 de fevereiro

*Isto é inútil.
A última vez que vi o Ty
Não.
Não era real.*

*A última vez que vi o Ty feliz
OK, o Ty nunca pareceu assim tão infeliz, a sério, não o tipo de
infeliz que se tem de estar para
Ele foi ficando cada vez melhor
Ele estava bem. Ele estava...*

É claro que às vezes estava triste. Não ficamos todos tristes, às vezes?

*Ele teve os seus motivos para fazer o que fez:
O Pai
A Megan
Aquele rapariga, a Ashley
Os estúpidos e fúteis dos amigos dele, atléticos e burros
A Mãe
Eu
A forma como ele deve ter sentido que nunca ninguém estava lá
para o apoiar
A porcaria geral que é a vida
Mas a verdade é que a vida morde-nos a quase todos. E não parti-
mos todos deste mundo com uma bala no peito.*

Eu devia acabar com isto.

*A última vez que vi o Ty feliz, verdadeira e genuinamente feliz, foi
na noite do baile de início do ano. No dia 11 de outubro. Ele convidou*

uma rapariga e ela disse que sim. Ele ia buscá-la às 20:00. A primeira vez que me lembro de o ver feliz nesse dia foi provavelmente por volta das 19:15, quando ele apareceu atrás de mim no espelho da casa de banho, quando eu estava a acabar de me maquilhar.

Ele disse-me que eu estava bonita.

Eu fiz-lhe uma careta, porque detesto maquilhagem. Detesto meter as minhas lentes de contacto. Na realidade, detesto toda esta coisa de bailes do secundário, o drama todo, os vestidos desconfortáveis e as fotos pirosas e o ponche manhoso que toda a gente beberica por lá para não ter de conversar. Fico claustrofóbica ao pé de grupos grandes — tem algo a ver com o quão abafado o ar se torna com tantos corpos juntos à nossa volta.

Tenho de ter o meu próprio espaço.

Preciso de respirar.

Mas o Steven argumentou que os bailes são rituais de passagem, e apesar de serem uma espécie de tortura, são um mal necessário.

— Vamos, para termos forma de provar que em tempos fomos jovens — disse ele.

Na realidade, creio que ele só me queria ver de vestido.

De qualquer forma, o Ty disse que eu estava bonita.

— Hum... Que queres tu? — perguntei, desconfiada.

— Preciso da tua ajuda — disse ele. — É importante, Lex, e eu não consigo fazê-lo sem ti. Por favor.

Os nossos olhos encontraram-se no espelho. Tínhamos os mesmos olhos (do pai), cor de avelã com um aro dourado em redor da pupila. Tínhamos o mesmo nariz (da mãe), com o mesmo altinho na cana. Tínhamos o mesmo cabelo castanho e encaracolado — que ficava sempre bem no Ty com a ajuda dos seus variadíssimos produtos — e selvagem em mim, por não me importar minimamente com ele para lhe andar a mexer.

Sempre que olhava para o meu irmão, eu ficava impressionada pela forma como ele era como uma cópia ligeiramente melhorada de mim, pelo menos no que tocava ao aspeto.

A expressão dele era tão séria que cedi imediatamente.

— OK, claro — disse eu. — O que é?

Ele mostrou-me uma pinça da mãe.

— Preciso que me corrijas a monocelha.

Empurrei-o.

— Que nojo! Nem penses! Não sou responsável por nada relacionado com higiene.

— Por favor! — implorou ele.

— Faz tu!

— Eu tentei. Não consigo. Não sei como!

— Para esse tipo de coisa é que existem salões de beleza, não é?

— É tarde demais para isso. Tenho de a ir buscar daqui a menos de uma hora. Anda lá, Lex. Pareço o Becas da Rua Sésamo. Tens de me ajudar.

Depois fez-me olhos de carneiro mal morto. Acabei por aquecer o pequeno pote de cera que uso para arranjar as minhas próprias sobrancelhas — se deixasse as coisas nas mãos da natureza, também eu me pareceria com o Becas. Ainda que, na maior parte do tempo, eu não andasse muito preocupada com a minha aparência, houve um incidente no 9.º ano em que a Jamie Bigelow me chamou Cro-Magnon peluda, e depois disso comecei a arrancar pelos, a depilar-me e a torturar-me em nome da feminilidade.

O Ty sentou-se na bancada da casa de banho, enquanto eu cuidadosamente lhe espalhava a cera entre os olhos. Pressionei com o paninho e alisei-a na direção do crescimento dos pelos. Ele agarrou o rebordo da bancada com força, e respirou fundo.

— Confio em ti — lembro-me de ele dizer. — Não me faças parecer uma aberração.

— Aberração já tu pareces — disse eu, mas ele sabia que eu estava a brincar. — Ok, vou contar até três...

Mas não contei. Apenas arranquei a tira.

O Ty caiu da bancada abaixo, aos berros, agarrado à cara.

— Ai! — gritou. — Sua cabra!

Fiquei chocada. O Ty não dizia asneiras. Nenhum de nós dizia. Quando éramos crianças, a mãe caía-nos em cima por causa da forma como nós instintivamente suavizámos palavrões: raios, porcaria, caneco, sacana, rabo, carago, fónix, e assim por diante. Se significa a mesma coisa, costumava a mãe repreender-nos, porquê dizê-lo sequer? Acho que o raspanete nos afetou, porque tanto o Ty como eu não conseguíamos dizer asneiras com a devida convicção. Vindos de nós, os palavrões soavam forçados e artificiais.

Com que então... cabra. Uau, nunca me tinham chamado cabra. Descobri que não gostava.

— Sacana! — respondi numa espécie de reação instintiva. — Parvalhão imbecil!

— Palonça sádica!

— Bebê choramingas! — retorqui.

— *Ladra de pelos!*

— *Maricas! — gritei, sem grande jeito.*

Aí começámos a rir. Muito. Rimos e rimos, o tipo de riso em que uma pessoa se agarra à barriga e acaba quase a chorar. Rimos até doer. Depois suspirámos, e o Ty esfregou o rosto, e voltámos ao espelho para inspecionar o meu trabalho.

Que não estava lá com grande aspeto.

Porque os pelos se tinham ido — isso era um facto — mas agora havia uma tira rosa-choque de pele irritada entre as sobrancelhas do Ty. Era como se ele tivesse sido vítima de marcador fluorescente.

— *Ahah! — ri-me.*

— *Lex... — disse ele —, o que é que me fizeste?*

Eu disse-lhe que amanhã estaria melhor.

Ele lançou-me um olhar pouco simpático.

Depois disse-me o quanto realmente gostava da rapariga que ia levar ao baile — a Ashley, disse ele — e que queria impressioná-la, e que eu basicamente tinha acabado de lhe arruinar a vida.

— *Calma, não stresses já.*

Peguei numa bola de algodão para aplicar o óleo calmante que vem com a cera.

O óleo calmante, infelizmente, não fez jus ao nome. Esperámos dez minutos e o rosto dele ainda tinha o aspeto de ter sido marcado entre os olhos com um ferro quente.

Tentámos pôr gelo. Tentámos pôr loção. Tentámos creme para as hemorroidas — que foi uma das minhas melhores ideias — mas depois de tudo isto, a cara dele estava mais cor-de-rosa ainda.

— *Lex — disse ele —, acho que vou ter de te estrangular... tipo agora.*

Ele estava só meio a brincar.

— *Só há uma coisa a fazer — disse eu, séria.*

Mostrei-lhe o meu frasco de base.

Ele não tentou resistir. Ficou parado enquanto eu lhe aplicava cuidadosamente uma camada de base Clinique Stay-Matte Oil-Free entre as sobrancelhas. Era um tom um nadinha claro demais para a pele dele, mas melhor do que o rosa-choque. Também tive de lhe maquilhar grande parte da testa, para o tom ficar uniforme.

— *Bem, agora sinto-me totalmente desvirilizado — disse ele, depois de eu terminar.*

— *Chiu ou eu pego no batom — disse eu em jeito de provocação, e ele correu para o andar de baixo para pôr a colónia e acabar de se*

arranjar. Poucos minutos depois, a mãe chegou do trabalho, e antes de sairmos ela fez-nos ficar juntos em frente à porta de entrada para tirar uma fotografia.

— Vejam só os meus dois filhos lindos — lembro-me de ela ter dito.

O Ty pôs o braço à minha volta, e eu deitei a cabeça no ombro dele, e sorri. A câmara piscou. A mãe virou-se para repescar algo da carteira e o Ty deu-me repentinamente um beijo na cara, um daqueles beijos nojentos, babosos e a gozar, que me fez afastar dele e dar-lhe um soco no ombro.

— Desaparece, fedelho — disse eu, limpando a cara.

A mãe entregou-lhe as chaves do carro.

— Meia-noite — disse ela.

— Sim, meu capitão — respondeu ele.

Ela fixou bem o olhar no rosto dele.

— Estás a usar... maquilhagem?

Ele encolheu os ombros como se não soubesse do que é que ela estava a falar.

— Bem, estás bonito — disse ela um minuto depois.

Estava sim. O fato servia-lhe na perfeição e ficava-lhe a matar. É claro que eu não lho disse, porque era irmã dele e teria soado esquisito. Mas ele parecia, pensei na altura, estar finalmente confortável na sua própria pele. Relaxado. Pronto para ser ele mesmo.

— Sê um cavalheiro — disse a nossa mãe.

— Sim, senhora.

Ela sorriu e fez-lhe continência, e depois foi-se. Ela virou-se para mim com nostalgia parental estampada no rosto.

— Os meus filhotes estão a ficar tão grandes... — suspirou.

Revirei os olhos e, um minuto depois, o Steven estava a tocar à porta para me vir buscar, para provar que sim, tínhamos sido pequenos em tempos.

Não me lembro de muita coisa do baile, mas recordo-me de que quando chegámos ao refeitório — que estava decorado com grinaldas prateadas e balões de hélio azuis e brancos e luzes estroboscópicas — o Steven pegou-me na mão e fez-me dar uma voltinha para poder ver melhor o vestido. Era de corte trapézio, pelos joelhos, cintado e sem mangas, num rendilhado preto sobre cetim verde — um luxo pelo qual eu tinha desembolsado 79 dólares no Macy's.

— Pareces a equação de Euler — murmurou ele, enquanto me olhava de cima a baixo.

Tradução nerd: a equação de Euler é considerada a fórmula mais perfeita alguma vez escrita. Simples, mas elegante. Bela.

— Obrigada — disse eu, corando. E tentei pensar num elogio semelhante, talvez a *Relatividade Geral* ou a *Equação de Callan-Symanzik*, mas em vez disso optei por:

— Tu estás um pão. A sério.

O Steven sorriu. É um rapaz giro, com olhos castanhos e cabelo castanho-dourado e dentes direitos e brancos — mas as pessoas à nossa volta não costumam ver isso. Veem apenas o quão excitado fica nas aulas de Física. Veem-lhe a calculadora no bolso de trás. Veem os óculos.

Ele levou a minha mão aos lábios e beijou-a.

— Vinde, minha senhora — disse ele. — Dancemos.

Balançamo-nos desajeitadamente na pista de dança durante um momento, mas não tardou até a Beaker e a Eleanor aparecerem com os respetivos pares, e nós juntámo-nos as três para gozar com as meninhas com os seus cabelinhos arranjados e enfiadas nos seus vestidinhos pirosos. Depois admirámos hipocritamente os vestidos umas das outras, e tirámos fotografias para a posteridade, e dançámos mais um bocadinho.

E depois há uma parte de que me lembro de forma tão clara... Estava a dançar uma balada com o Steven e deixei a cabeça descair sobre o peito dele, onde conseguia sentir-lhe o coração a bater. A música era *A Thousand Years*, de Christina Perri. Tínhamo-nos rido do quão pirosa era, exageradamente sentimental, e dissemos um par de piadas sobre *Twilight*, mas depois voltámos a dançar. É uma boa música para dançar. O Steven tinha as mãos no fundo das minhas costas, a cara na curva do meu ombro, a respiração dele a aquecer-me a pele, e eu tive um momento de euforia repentina. Estamos bem juntos, pensei. Encaixamos bem.

Tal qual a equação de Euler.

Ergui a cabeça, e ele ergueu a dele. Os nossos olhos encontraram-se. As nossas pernas roçaram enquanto nos balançávamos lentamente para trás e para frente.

— «Darling, don't be afraid, I have loved you for a thousand years» — cantarolou Christina Perri. — «I'll love you for a thousand more.»¹

¹ Tradução livre: *Querida, não tenhas medo, mil anos te amei, outros mil te amarei.* [N. do R.]

Espera lá, pensei. Calma aí!

Eu tinha toda uma vida à minha frente, aparentemente grandiosa, com uma excelente faculdade e uma carreira e uma vida adulta, e este não era de todo o momento para me «apaixonar» por alguém. Éramos demasiado jovens para isso. A questão das hormonas até conseguia entender. Namorar e curtir e descobrir o que era beijar e ser beijado, tudo isso fazia sentido. Mas isto — a maneira como eu me senti nos braços do Steven naquele momento — parecia bem mais do que simples hormonas.

Parecia muito mais.

Estreitei os braços em torno do pescoço do Steven e voltei a baixar a cabeça. O coração dele, quando encostei a minha bochecha no peito dele, batia rápido.

O meu também.

Lancei um olhar à minha volta e vi o Ty a uns três metros de mim, a dançar com uma rapariga — a Ashley, presumi eu. Não lhe vi a cara, apenas a parte de trás do vestido rosa-pálido a varrer o chão e o cabelo dourado a cair-lhe pelos ombros em ondas. Mas vi claramente o Ty. Tinha os olhos fechados, os dedos abertos contra a anca dela enquanto se moviam. Não estava a sorrir, mas via-se-lhe bem um contentamento sereno espelhado no rosto. Uma espécie de tranquilidade.

Nunca o tinha visto tão feliz.

Então, como se me sentisse a observá-lo, ele abriu os olhos, viu-me. Sorriu.

Cabra, disse ele sem verbalizar.

Eu retribuí-lhe o sorriso, depois apontei para o espaço entre as sobranceiras.

Estás a usar maquilhagem?, foi a minha vez de dizer sem verbalizar.

Ele mostrou-me discretamente o dedo do meio.

Eu ri alto, o que fez o Steven afastar-se um pouco e perguntar:

— Qual é a piada?

— Nada — disse, tentando conter o riso. — O meu irmão é um palerma.

O Steven virou-se e fez ao Ty aquele aceno de cabeça tipo «Tudo bem, meu?», a que o Ty retribuiu.

Os gajos e os códigos deles.

— Curto o teu irmão — disse o Steven.

— Ele também gosta de ti.

Sorri porque era verdade — o Ty aprovava totalmente o Steven como meu namorado.

— Esse tipo é porreiro — disse-me ele uma vez. — Ele entende-te. E naquela altura era verdade. O Steven entendia-me.

Os violinos subiram de tom no seu crescendo final e, em seguida, foram-se. Nós parámos de dançar e olhámos um para o outro.

— Então e agora? — perguntou-me o Steven.

— Agora vamos beber o ponche manhoso — brinquei eu, e fomos.

Não me recordo do resto do baile. Está perdido com todos os outros segundos insignificantes e transitórios da minha vida. Eu. O Steven. O Ty. Segundos a contarem em direção ao nada. Apenas a passarem. Eu não sabia apreciar aquele momento na pista de dança, nem compreender o quão bonito e raro era, quão frágil, quão efêmero, quando o Ty estava feliz. Quando estávamos todos felizes, e estávamos juntos, e estávamos seguros.

Eu não sabia.

Eu não sabia.

capítulo 4

O GABINETE DO DAVE FICA NUM DAQUELES CENTROS comerciais banais no meio da cidade — tipo, aquele sítio onde uma pessoa atravessa os corredores a ler os nomes dos advogados e contabilistas e agentes imobiliários em placas iguais do lado de fora das suas portas iguais, até se chegar à placa em que se lê DAVID HARRINGTON, TFC², ACONSELHAMENTO FAMILIAR NOVA ESPERANÇA.

Da primeira vez que lá fui, há cerca de um mês, entrei bastante contrariada no consultório do Dave à espera de ver as mesmas paredes cinzentas e o mesmo tapete berbere do corredor; mas depois a porta abriu-se para uma receção estranhíssima, atulhada de aquários, uma miríade de candeeiros de lava, umas quantas daquelas dançarinas havaianas que abanam as ancas nos tabliês dos carros, uma parede repleta com a impressionante coleção de garrafas de tabasco *vintage* do Dave e — o melhor de tudo — a maior pilha de tiras de B.D. (como aquelas que vêm no fim do jornal) que eu jamais vi.

Estive dez minutos sentada a folhear uma coleção de *Peanuts* clássicos. O *Charlie Brown* a tentar chutar a bola de rãguebi. A *Lucy* a arrancar-lha das mãos antes de ele a conseguir chutar. A raiva dele. E dei por mim a rir-me do coitado do *Charlie Brown*, e rir parecia algo estranho, porque naquela altura só fazia duas semanas que o Ty tinha morrido.

Foi então que o Dave saiu do gabinete. Depois de ver a receção, fiquei na expetativa de ele ser um *hippie* ou algum tipo de esquisitoide excêntrico — mas ali estava ele, de camisa axadrezada e calças caqui impecavelmente engomadas, a barba perfeitamente aparada e o cabelo louro, a virar para o grisalho, curto e cuidadosamente penteado com um nadinha de gel a mais. Estendeu-me a mão.

— Lexie, não é? — disse ele. — Eu sou o Dave.

Devo ter parecido surpreendida, porque o ouvi comentar:

² TFC: Terapeuta Familiar e de Casal. [N. do T.]

— Desculpa. Preferes que te chame Alexis? Quando falei com a tua mãe ela chamou-te Lexie.

— Falou com a minha mãe? Pessoalmente?

— Sim, brevemente — respondeu ele. — Ela quis apenas deixar-me a par da situação.

Não consegui sequer imaginar a minha mãe neste lugar, sentada de pernas cruzadas junto às dançarinas de *hoola hoop* e a coleção de frascos de molho picante, à espera para entrar e falar a este homem sobre o filho morto e a filha desgostosa.

— Bem... — disse o Dave, apontando para o consultório dele, onde me aguardavam o clássico sofá axadrezado e a típica caixa de *kleenex*.

— Entra.

Hesitei.

— Olhe, talvez isto não seja muito boa...

— Estou basicamente aqui para te ouvir, Alexis — disse ele então. — Se quiseres falar. Ao menos experimenta.

O Dave até é um tipo bastante agradável. Ainda não descobri para que é que ele serve, tirando o facto de a minha mãe se sentir melhor por fazer algo por mim nesta altura difícil.

Como se a vida agora não fosse uma porcaria total e completa, faça-se o que se fizer.

Mas adiante. O meu irmão está morto. Eu não ando muito comunicativa, e deixei de sair com os meus amigos, e não sou de todo a Lex normal e alegre que todos eles esperam que eu seja.

Portanto, está visto que preciso de ter acompanhamento.

Esta tarde, sento-me no consultório do Dave durante um total de 30 minutos antes de conseguir pensar em algo produtivo para dizer. Até agora ele não se tem importado com isso — deixar-me falar quando estou preparada para isso —, mas hoje dá para ver que ele tem algo a remoer-lhe a cabeça, algum ossinho da minha psique que ele está ansioso por roer.

Também tenho algo a remoer-me a cabeça, mas não lhe conto.

Vontade não me falta. Os últimos dias têm sido bastante duros, psicologicamente falando. Passo o tempo todo a pensar que devo estar maluca. Algo dentro deste meu frágil cérebro deve ter cedido com todo o stress emocional. Perdi oficialmente a minha noção da realidade.

Porque o Ty está morto.

Foi-se. Nunca mais vai voltar.

O que vi na outra noite *tinha de ter sido* uma alucinação ou parte de um esgotamento nervoso ou um sonho acordado.

Parecia real.

Mas não podia ter sido real.

Enfim, a coisa inteligente a fazer seria contar ao Dave. Afinal de contas ele é pago para me ouvir. Em termos racionais, é a pessoa perfeita com quem conversar — imparcial, sem emoção, pragmático. É supostamente para isto que a terapia serve: para dar largas à nossa loucura. Ficarmos melhores. Conseguirmos lidar com as coisas.

Mas que posso eu dizer? *Pois, sim, vi o fantasma do meu irmão morto na nossa cave*, há coisa de quatro noites.

Ao que o Dave iria retorquir: *Oh, isso é muito interessante, Alexis; vamos arranjar-te uns medicamentozitos jeitosos.*

Portanto, quando o Dave me pergunta como estou, digo que estou bem. E não estou. Pergunta como foi a minha semana e eu digo que foi decente. Que, certamente, não foi.

Ficamos então em silêncio enquanto o Dave me fixa com aqueles seus olhos azuis e amáveis e eu uso a ponta do meu ténis para revirar a borda do tapete.

Finalmente, ele diz:

— Espero que não continues chateada com a cena da semana passada.

Fico a olhar para ele por alguns segundos antes de me lembrar. Ah, a semana passada.

Pois. A semana passada tivemos a modos que uma discussão.

Porque eu lhe contei sobre o buraco no meu peito. Sobre como me sinto como se fosse morrer quando ele surge. Sobre o medo que tenho de que esses momentos surjam mais e mais frequentemente, e durem mais e mais tempo, até que tudo o que sinta seja o vazio — e aí ele me consuma de vez.

Pensei que estava a ser corajosa em confessar. Estava a tentar abrir-me com ele. Estava a tentar fazer o que é suposto fazer-se.

O que queria que o Dave me dissesse era que o vazio é horrível, sim, absolutamente, mas que é normal, e que vai ficar melhor, não pior, e que não vou morrer senão daqui a muito, muito tempo. Que vai doer durante algum tempo, mas que vou sobreviver.

E eu iria tentar acreditar nele.

Mas o que ele disse foi:

— Existe medicação que te posso receitar para isso.

E então começou a divagar sobre os ISRS³ e as maravilhas do *Xanax*; ou quem sabe começar com *Valium*, que tem a vantagem de não criar

³ ISRS: Inibidores Seletivos da Recaptação da Serotonina. [N. do T.]

habituação; e eu olhei-o em silêncio até ele terminar a sua ode de louvor aos medicamentos.

Por fim, disse-me:

— Que te parece?

— Quer pôr-me a tomar antidepressivos? — perguntei-lhe.

Ele argumentou que os antidepressivos em conjunto com a terapia convencional eram uma combinação muito eficaz.

— Acha que tenho uma depressão? — perguntei-lhe.

Ele pigarreou.

— Acho que passaste por algo extremamente difícil, e a medicação adequada pode ajudar a tornar a situação um pouco mais fácil.

— Compreendo. Já alguma vez leu o *Admirável Mundo Novo*? — perguntei.

Ele pestanejou algumas vezes.

— Não. Não creio.

— É sobre um hipotético futuro, uma sociedade vindoura que recorre a uma droga chamada *soma* que faz com que toda a gente se sinta feliz — expliquei. — É suposto corrigir tudo. Não estás contente no trabalho? Não há problema. Tomas *soma*, e tudo bem. Morreu-te a mãe? Tomas um bocadinho de *soma*, e fica tudo que nem ginjas.

— Alexis — disse o Dave. — Estou a tentar ajudar-te. Aquilo a que te referes como *buraco* soa à descrição clássica de um ataque de pânico e...

— Mas eis que surge um problema — prossegui, sem o ouvir. — Essa sociedade futurista, onde toda a gente anda drogada para ser feliz o tempo todo, aconteça o que acontecer, é horrível — monstruosa, mesmo — é como se fosse o fim da humanidade. Porque nós devemos sentir as coisas, Dave. O meu irmão morreu, e eu tenho de sentir isso.

Detive-me de repente, sem fôlego. Havia muito mais que eu lhe queria dizer. Queria gritar sobre o facto de o Ty também ter tomado antidepressivos — tinha andado a tomá-los durante dois anos até morrer, e veja-se o bem que lhe fez. Eu queria partilhar com o Dave o meu irónico segredinho: que sei que é suposto sentir esta dor por causa do meu irmão — tristeza, mágoa, o que quer que lhe queiram chamar — que eu *quero* mesmo sentir isso, mas que não sinto. Tirando esses momentos do buraco no peito, não sinto nada.

Não preciso de drogas para atenuar dor nenhuma.

— Eu compreendo — disse o Dave.

— Meu Deus, quando é que os psiquiatras se tornaram traficantes? — lancei-lhe eu, ainda enervada.

O Dave sorriu, como se considerasse o meu insulto divertido, e depois tentou aquietar-me.

— OK, Alexis, está bem. Nada de medicação.

E foi aí que ele sugeriu a cena do diário. A escrita como uma alternativa ao *Xanax*.

— Esta semana escrevi no diário — digo-lhe agora.

Ele parece estranhamente surpreso.

— E o que é que escreveste?

Encolho os ombros.

— Cenas.

Ele espera que eu diga algo mais, e quando eu não o faço, diz simplesmente:

— Tudo bem. Esta semana gostaria de falar sobre os teus amigos.

— Eu agora não tenho amigos. — É o que me sai de repente.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Não tens amigos?

Ups.

— Quer dizer, sim, tenho amigos, mas...

— Deixaram de ser teus amigos? — pergunta ele. — Às vezes, as pessoas não sabem como reagir a algo deste...

— Não — reconsidero. — Não, eles são ótimos. É só que... Eu acho que eu é que deixei de ser amiga deles.

O Dave deixa escapar um murmúrio pensativo, como se isto fosse uma mina de ouro.

— Porquê?

Pondero durante um minuto. Bom, no caso da Jill é porque ela me estava a sufocar com tanta compaixão e solidariedade. Quando o Ty morreu ela estava lá, para onde quer que eu me virasse, com expressão preocupada e os olhos vermelhos de tanto chorar.

— Estás bem? — perguntara ela, inúmeras vezes.

Não, minha idiota, pensara eu. Estou tudo menos bem. O meu irmão morreu.

Mas eu aguentava-me e dizia:

— Sim, estou bem.

O que após alguns dias pareceu resultar. E aí ela limitava-se a dizer algo do tipo «Se precisares de alguma coisa diz» ou «Estou aqui para ti, se quiseres falar». O que, após algum tempo, descobri que era o que ela queria *mesmo* que eu fizesse. Ela queria que eu falasse sobre o Ty. Sobre a morte dele. Sobre o que eu andava a sentir acerca da morte dele. E de repente, tive a nítida sensação de que ela queria que eu chorasse, para

poder ser o meu ombro amigo. Ela queria que eu me fosse completamente abaixo para me ajudar a reerguer, para que pudesse ser a melhor amiga exemplar que me ajudou a superar o pior.

Sei que provavelmente estou a ser injusta. Adoro a Beaker. A sério que sim.

Conheço-a desde o sexto ano, quando éramos as *nerds* mais *nerds* da turma de alunos dotados e talentosos. Dormimos em casa uma da outra centenas de vezes e tivemos várias conversas longas e sérias até às tantas da manhã sobre o sentido da vida e a probabilidade de haver alienígenas noutros planetas e a estupidez dos rapazes. Mas isto do Ty não é apenas mais uma conversa séria. É a minha vida inteira, confusa e destroçada. Sou eu.

Ela não me consegue consertar.

E eu já andava a ficar cansada de a ver tentar tudo por tudo. Portanto, tipo... fui-me afastando lentamente.

Digo tudo isto ao Dave, e ele vai assentindo com a cabeça.

— E os teus outros amigos? O teu namorado? — pergunta por fim.

— Acabámos há algumas semanas — digo. Novo tópico. — Também tenho outra amiga, a Eleanor, mas com ela é mais simples, de certa forma. Anda a evitar-me, enquanto tenta parecer que não me está a evitar, claro. Acho que ainda não me olhou nos olhos desde que tudo aconteceu. Mas tudo bem. Eu compreendo. É como disse, algumas pessoas não sabem como reagir.

— Então não tens amigos nenhuns de momento?

— Bem, estou com os meus antigos amigos na escola, almoço com eles, e temos aulas juntos. Mas não me apetece mesmo fazer nada depois das aulas, e preciso de estar em casa para apoiar a minha mãe. Portanto, não, acho que não. De momento não tenho.

— Isso é triste, Lex — diz ele.

Triste é o meu nome do meio nos dias que correm. Alexis Triste Riggs.

— Não tens de passar por isto sozinha — diz o Dave. — Tenta deixar que as pessoas se aproximem de ti. Essa é a única maneira que elas têm de te ajudar.

Não me podem ajudar, acho eu. Não há fórmula mágica que vá trazer de volta o Ty. Não há nada que se possa fazer.

— Vou tentar melhorar isso — digo eu, e volto a revirar o canto do tapete com o pé.

Novo silêncio. Consigo literalmente ouvir o tique-taque do relógio do consultório. Já só nos resta mais quatro minutos de sessão.

Três minutos.

Dois.

— Tens mais alguma coisa de que queiras falar? — pergunta o Dave.

É a tua última hipótese, penso. Conta-lhe sobre teres visto o Ty.

— Não — digo eu. — Estou bem assim.

O que deve ser para aí a Mentira Número 17 só nesta sessão.

Então levanto-me, embora ainda me restem 96 segundos, e afasto-me dali tão rapidamente quanto possível.

Janto com o meu pai no Olive Garden. Normalmente, jantamos juntos às terças-feiras, depois da minha habitual sessão com o Dave. Porque a Megan tem ioga às terças-feiras. Jantar com o meu pai é sempre algo tranquilo, porque ele tem muito menos a dizer do que eu. Ele não tem o trabalho mais excitante do mundo — é contabilista — e sabe que eu não quero ouvir nada sobre a Megan ou a casa onde vivem juntos ou como passam o tempo; e isso não deixa muito tema de conversa. Era mais fácil quando o Ty estava connosco (embora ele odiasse os jantares com o nosso pai e arranjasse sempre desculpas de última hora para não aparecer), porque pelo menos aí podíamos conversar sobre desporto. Agora estamos reduzidos a um único tópico garantido de conversa.

— Como anda a escola? — pergunta o meu pai.

— Tive um 71% no exame intercalar de Cálculo — deixo escapar.

Não sei porque é que lhe conto. É constrangedor, especialmente com o meu pai que é, obviamente, ele próprio dado a números. Não consigo encará-lo quando lhe conto isto. Tenho a certeza de que tenho a cara vermelha que nem um tomate, mas continuo a remexer na salada como se estivesse tudo bem.

Ele pousa o seu gressino no prato.

— Isso parece grave.

— É grave — concordo. — Baixa-me a média pelo menos para um 17. O que significa que não vou ser a oradora de fim de curso.

— Não podes repeti-lo? — pergunta ele.

— Não. — Mentira n.º 18.

— Estou a ver.

Ele aclara a garganta, depois volta a trincar o gressino.

— Desculpa, pai — digo após um minuto. E sinto-o. Odeio dececioná-lo, mesmo depois de tudo o que aconteceu. O que ele pensa de mim importa-me muito.

— Não é o fim do mundo — diz ele, mas não queria dizer isso.

O meu pai está sempre a falar sobre o quanto tem de se trabalhar para se ser o melhor, para se ser excelente em tudo, para alcançar o topo — as melhores notas, a melhor educação, o melhor emprego — para podermos atingir o nosso potencial, repete constantemente. E que eu interpreto como *para não acabares uma contabilista no Nebraska com um divórcio e dois filhos (espera, agora é só um) quando podias ter sido algo muito melhor.*

Continuamos a comer. O meu pai bebe dois copos de vinho tinto, apesar de odiar vinho. Depois insiste comigo para que peça sobremesa.

— Como está a tua mãe? — pergunta, enquanto eu estraçalho um pedaço de tiramisú.

Podia falar-lhe do choro constante. Mas ele não quer ouvir isso. Ele não quer saber que ela chora o tempo todo e que não sai da cama a não ser para ir trabalhar ou à igreja e que dorme agarrada ao velho macaco de peluche do Ty. Ele não quer ouvir que ela pensa que o Ty ainda está lá em casa, e não sei mesmo o que ele faria se eu lhe contasse o que vi na cave.

Ele quer que eu lhe diga que a minha mãe está bem.

Portanto, digo:

— Ela está bem. — Mentira n.º 19... e o meu pai paga a conta.

Vestimos os casacos e saímos para o ar gelado da noite, e ele abraça-me sem convicção e depois, como de costume, vai cada um para o seu lado.

capítulo 5

ESTÁ TUDO ESCURO QUANDO CHEGO A CASA. A minha mãe já deve ter ido para a cama, o que não é assim tão raro, mesmo às oito da noite. Ela dorme para não ter de estar acordada, para estar tão pouco consciente do que aconteceu quanto possível.

Quem me dera poder dormir assim.

Perco uma hora a fazer trabalhos de casa. Depois chega aquela altura em que eu normalmente descia para ir ver televisão.

Isto é um dilema. Há quatro dias que não meto os pés na cave, nem sequer para pôr a roupa a lavar. Não tenho visto televisão. Não disse à minha mãe que talvez a coisa da colónia não fosse assim tão ridícula.

Sim, sei que sou uma completa cobardolas.

Pego no diário que o Dave me deu. Durante alguns segundos pondero mesmo em voltar a escrever nele, rabiscar uma longa confissão sobre tudo o que não disse em voz alta. Sobre o fantasma. Sobre a mensagem. Sobre o Steven. Sobre o Ty. Sobre mim. Mas não consigo fazê-lo.

Portanto, meto o caderninho *Moleskin* debaixo do meu colchão — como tributo a todos os clichés — e deito-me para ler mais um bocadinho do *Uma Mente Brillhante*, no qual ainda não consegui penetrar completamente. Depois tento o *Contacto*, de Carl Sagan, que é o meu romance favorito de sempre, mas os meus olhos deambulam pela página sem encontrarem qualquer sentido nas palavras. Está sempre a vir-me à cabeça a expressão no rosto do Ty quando lhe atirei com o telemóvel: assustado e ofendido e um pouco triste. Nunca antes lhe tinha atirado com nada. Nós não éramos assim. Nós sempre nos demos bem.

De repente, sinto-me furiosa. Penso: E então, agora nunca mais volto a ir à cave? Vou andar em pezinhos de lã dentro da minha própria casa até ir para a faculdade? Vou ter medo de quê, de um produto da minha imaginação? Mas afinal tenho o quê, dez anos? Medo do escuro?

Recompõe-te, Lex, digo a mim mesma. Faz-te uma mulherzinha.

E então levanto-me num pulo. Marcho direitinha à cave e fico alguns momentos a olhar para aquele local onde o Ty apareceu na outra noite, para a pequena moosa na parede — que naturalmente ainda lá está — por lhe ter atirado o telemóvel. Obrigó-me a ficar ali uns bons cinco minutos.

Não vejo nada de estranho. Não me cheira a nada de estranho. Apenas me sinto estúpida.

A porta do quarto dele está aberta.

Aproximo-me da ombreira. A Lua brilha através da janela. Não voltei a entrar no quarto do Ty desde que a minha mãe e eu lá fomos buscar as roupas com que ele foi enterrado, mas tem o mesmo aspeto de que me lembro. A secretária está cheia de livros e material escolar. Roupas no chão. Sapatos. Uma bola de básquete meio esvaziada. Um modelo de avião velho e empoeirado pendurado no teto — que ele e o pai montaram juntos quando ele tinha 11 anos. Fotos dos amigos coladas nas paredes. Pósteres de bandas e filmes de que ele gostava e de jogadores da NBA.

Ao entrar, o cheiro dele envolve-me — não apenas a colónia, mas aquele leve aroma a estábulo que ele tinha, e o desodorizante dele, que cheirava ligeiramente a mentol. Aparas de lápis. Meias sujas. Cola de madeira.

Ty...

Engulo em seco. É como se ele ainda aqui estivesse, não como fantasma, mas como se aquilo nunca tivesse acontecido. Se eu ficar aqui, se fechar os olhos, consigo imaginar que o Ty está apenas algures lá fora e que regressa.

Quem me dera conseguir chorar. Isso seria a coisa apropriada a fazer neste momento: recordar o meu irmão e chorar.

Mas não consigo.

Viro-me para sair, e é aí que vejo alguém a dormir na cama dele. O cobertor envolve uma figura deitada de lado, de costas para mim.

O meu coração começa a bater. Sei que não é o Ty, sei que não pode ser, mas naquele momento quero que seja. Quero vê-lo novamente, mesmo que isso signifique que estou louca. Talvez seja por isso que eu não consegui contar ao Dave, ou porque não consigo escrever sobre isso, porque aí eles vão definitivamente obrigar-me a tomar os comprimidos, e o que aconteceu na outra noite com o telemóvel nunca mais se há de repetir, e eu nunca mais vou voltar a ver o Ty, nunca, até morrer, e eu não acredito em vida após a morte, por isso, nem aí o vou conseguir voltar a ver.

Sei que este não é o melhor raciocínio.

Mas é o que penso, ainda assim.

Contorno lentamente a cama. Toco no ombro da pessoa lá deitada e sinto-a quente, movendo-se ligeiramente a cada respiração.

A respirar. Viva.

Não é ele, penso eu ao pegar na ponta do cobertor e começar a puxá-la para trás. Não é ele.

E estou certa. Não é.

É a minha mãe. Está a dormir, com uma t-shirt vermelha desbotada dos Led Zeppelin, uma das mais velhas do Ty. Linhas de rímel secaram-lhe nas bochechas como tatuagens, gravadas nas rugas dos seus olhos, esborratando a almofada.

Parece velha. Pequena. Esgotada. Volto a cobri-la e sento-me na cama e observo-a durante algum tempo, a respiração, os movimentos dos olhos por detrás das pálpebras. Com o que estará ela a sonhar, na cama do Ty, rodeada das coisas dele e do cheiro dele?

Quero acordá-la, levá-la para fora daqui, porque não é nada bom ela estar aqui. Não é saudável. Mas deixo-a dormir. Porque, pelo menos por agora, não parece estar a sofrer.

Às vezes, pergunto-me se ela deseja que tivesse sido eu a morrer em vez do Ty. A filha carrancuda e impertinente, em vez do filho socialmente aceitável. Sei que ela me ama. Mas... e se pudesse escolher?

Mas isso é culpa do Ty.

Ele deixou-lhe uma nota. Para nota de suicídio era até bastante curta e direta ao assunto. Dizia:

Desculpa, mãe, mas estava muito para lá de vazio.

Não escreveu nenhuma nota para o nosso pai. Ou para qualquer um dos amigos dele. Ou para mim. Deixou apenas aquelas nove palavrinhas num *post-it* amarelo, colado ao espelho do quarto. Foi a única explicação que deu.

Ainda está lá. A polícia retirou-o durante algum tempo, como prova, mas voltaram e colocaram-no exatamente onde ele o tinha deixado. Tinham tirado uma foto do quarto, portanto, sabiam onde o repor. Até agora, nenhuma de nós teve coragem de o tirar dali.

Levanto-me e atravesso o quarto até ao espelho.

Desculpa, mãe, mas estava muito para lá de vazio.

Estendo a mão.

Os meus dedos mal roçam na borda do papel quando vejo o Ty no reflexo do espelho.

Está mesmo atrás de mim.

O Ty.

Uma vez mais, não penso. Não paro para contemplar o que faria uma pessoa racional nesta situação. Não investigo com calma.

Corro.

Afasto-me do espelho de um salto, para longe dele, para longe, escadas acima, porta fora, e antes mesmo de conseguir saber o que aconteceu, estou na rua, os sapatos a calcar a neve congelada enquanto corro e corro e corro.

Isto não está a acontecer é o pensamento que me corre em espiral no cérebro. Isto não está a acontecer.

Corro três quarteirões antes de parar, à beira de um parque onde o Ty e eu costumávamos passar todas as tardes de verão, quando éramos crianças. Debruço-me, a ofegar, sentindo finalmente o frio cortante da noite. Não tinha casaco vestido quando fugi de casa, apenas calças de ganga e t-shirt, e o ar gélido contra os meus braços nus é cortante e vagamente doloroso. A Lua brilha sobre a minha cabeça. O parque parece como que congelado, baloiços perfeitamente imóveis. Desertos. Um carro avança rua acima, desacelerando ao passar por mim. Limpo o nariz, endireito-me e tento inspirar fundo. Não sei o que estou a fazer.

O Ty. Em casa. No quarto dele.

Isto não está a acontecer, penso.

Perpassa-me um arrepio que nada tem a ver com o frio.

Sinto uma espécie de resignação ao regressar. A porta da frente está meio aberta, à minha espera. Arrasto-me em modo *zombie* até ao quarto de Ty, onde a minha mãe ainda está a dormir.

O Ty não está no espelho.

Reparo imediatamente que a gaveta de cima do lado direito da secretária dele está aberta. Não me lembro se já estava aberta, mas agora parece-me algo estranho, desajustado. Terá a minha mãe andado a remexer na secretária enquanto estive lá fora? Ou já estava assim antes? Ou será que foi outra pessoa?

Isto não está a acontecer, penso. Mas está.

Ajoelho-me ao lado da cama e abano gentilmente o ombro da minha mãe.

Ela solta um gemido fraco ao abrir os olhos. Demora alguns segundos até se focar na minha cara.

— Oh... Lexie — diz ela. — Está tudo bem?

Olha em volta. Observo a expressão dela a mudar enquanto toma consciência de onde está. No quarto do Ty. O Ty foi-se. O Ty morreu.

A mágoa inunda-lhe o rosto.

— Vim cá abaixo para o acordar, naquela manhã — diz ela. — Ele estava aqui, aqui mesmo. Parecia estar bem.

— Eu sei.

— Eu deveria ter percebido naquele dia que algo se passava. Sou mãe dele. Devia ter sido capaz de perceber.

Nunca sei o que responder a isto. Ela tem o seu jogo de culpa com que lidar, e eu tenho o meu, a diferença é que eu tenho realmente algo com que me sentir culpada.

— Está frio aqui — digo-lhe enquanto a ajudo a levantar-se — Vamos voltar lá para cima.

Mais tarde, depois de a deitar na cama dela e de a ver adormecer, volto à cave para investigar a gaveta aberta. Está vazia, à exceção de um único objeto. Um envelope selado.

Uma carta.

O meu coração dá um salto ao pensar que ele ma poderia ter escrito. Não lhe respondi à mensagem, portanto, ele escreveu o que me queria dizer.

Os motivos dele. As acusações, talvez. As últimas palavras.

A ideia enche-me de alívio e terror.

Viro o envelope com mãos trémulas, e é aí que vejo o nome rabisado no papel na caligrafia horrível de Ty.

Para a Ashley.

12 de fevereiro

A primeira vez que o meu irmão se tentou matar, faz agora quase dois anos. Foi no dia em que o divórcio dos meus pais ficou concluído. Não sei se ele quis fazer daquilo uma espécie de grande declaração, ou algo assim. Eu também não estava lá para o apoiar naquela noite; estava no cinema com a Beaker. Nem me lembro que filme era. Só sei que não estava presente quando ele marchou até ao lava-louça da cozinha com um frasco de Advil tamanho familiar e começou a engolir comprimido atrás de comprimido, atrás de comprimido. Fez isso praticamente debaixo do nariz da nossa mãe, enquanto ela estava sentada de costas para ele na mesa da cozinha a estudar para os exames de enfermagem, avançando lentamente por entre uma pilha gigante de cartões marcados com dosagens e partes do corpo humano e definições de terminologia médica. E, em simultâneo, ia lendo a Bíblia, tentando ficar em paz com o princípio divino que defendia que o divórcio não era pecado se envolvesse adultério.

Aos 42 anos, a minha mãe era a aluna mais velha da sua turma na escola de enfermagem, mas era a melhor. Era dedicada, motivada, determinada a construir uma nova vida para si mesma pós-pai. Nem sequer tirou os olhos do que estava a fazer quando o filho de 14 anos tomou 63 comprimidos pequeninos vermelho-escuros para alívio das dores, lhe desejou boa-noite e depois desceu as escadas para o seu quarto e foi dormir. Ele ficou desapontado quando acordou na manhã seguinte. Veio da cave com uma expressão que nunca vou esquecer: uma espécie de frustração resignada e intrigada por não ter pura e simplesmente flutuado de vez durante a noite.

— Hoje não vou à escola — declarou ele quando nos sentámos para tomar o pequeno-almoço. — Não me sinto bem.

A minha mãe, sempre com espírito de enfermeira mesmo antes de ter as habilitações para tal, colocou-lhe a mão na testa. Estava fria. Depois fez-lhe algumas perguntas: dor de garganta? Dor de cabeça?

Dores de estômago? Ele abanou a cabeça e olhou para ela, encolheu os ombros magros de passarinho, e contou-lhe o que tinha feito.

No hospital, o máximo que puderam fazer foi colocá-lo numa sala de observação. Era tarde demais para lhe fazerem uma lavagem ao estômago. Sentei-me no canto e fiquei a ver televisão com ele, enquanto as enfermeiras entravam e saíam, verificando-lhe os sinais vitais, modificando a solução salina da IV. De tempos a tempos a mãe entrava, chorosa, agonizando com a escolha que estava a ser forçada a fazer, sobre se devia ou não ficar ali connosco o dia inteiro ou cumprir os seus turnos no hospital — na última semana de requisitos exigidos para se licenciar em enfermagem. Sem a qual não podia acabar o curso.

— Eu estou bem — disse-lhe o Ty, e até sorriu para lhe provar o que estava a dizer, com o rosto pálido sob as luzes fluorescentes do hospital, lábios incolores ao articular a palavra VAI.

— Eu volto — prometeu ela uma e outra vez antes de correr dali para fora.

Naquele dia, eu não sabia o que lhe dizer. Estava encafuada numa desconfortável cadeira de plástico, a tentar pensar em conselhos adequados de irmã mais velha que o conseguissem puxar da beira do abismo. Mas eu tinha 16 anos — que sabia eu? Tinha os meus próprios problemas, as minhas próprias angústias privadas, e se tivesse sido honesta teria admitido que a ideia de ir desta para melhor me passara pela cabeça algumas vezes ao longo de todo o annus horribilis anterior — entre o meu pai deixar-nos pela típica amante-secretária (um cliché pavoroso), que tinha conhecido no escritório, com metade da idade dele, e a minha mãe ter voltado a estudar, e eu ter de voltar para a escola, e regressar para uma casa subitamente vazia de adultos — de uma forma que me parecia implicitamente errada.

Mas nunca esbocei realmente algum plano para acabar com a vida. Tinha demasiado medo de morrer. Da escuridão. De deixar de existir.

— Foi estúpido — acabou por me dizer o Ty naquele dia, quando o silêncio entre nós se adensou.

Fiquei aliviada ao ouvi-lo dizer isso.

— Sim, foi. Totalmente idiota — concordei, e depois continuámos a ver os World's Wildest Police Videos na televisão pendurada praticamente no teto.

As enfermeiras iam e vinham. A minha mãe veio e foi. E ambos nos perguntámos (mas não em voz alta) se o nosso pai iria sequer aparecer.

Acabou por aparecer. Lembro-me que trazia vestido um polo de golfe. Veio para nos levar para casa — já que o hospital tinha decidido dar alta ao Ty — e a minha mãe ainda tinha mais três horas de trabalho pela frente. O nosso pai também não parecia saber o que dizer quando nos levou de volta a casa. Tamborilou com os dedos no volante, olhou pelo espelho-retrovisor, encontrou os meus olhos, desviou o olhar e depois aclarou a garganta.

— Tyler... — disse, ao entrarmos para a garagem.

— *Vem para casa — interrompeu o Ty. — Por favor, pai. Volta para casa. Por favor!*

A respiração enterrou-se-me no peito. O Ty nunca dizia coisas daquelas.

Ele estava zangado com o pai; era assim que lidava com o assunto. Disse sempre que odiava o pai, que estava feliz por ele se ter ido embora, que não sentia falta dele.

— Por favor — implorou ele, novamente.

E eu?, pensei. Será que eu queria que o nosso pai voltasse para casa? Será que conseguíamos fingir que este humilhante ano passado nunca tinha acontecido, que ele não era um mentiroso e um traidor e uma desculpa completamente patética de ser humano? Que não tinha ficado tudo virado completamente do avesso? Será que conseguiríamos voltar ao que éramos? E será que eu queria?

O nosso pai voltou a aclarar a garganta.

Esperei que ele dissesse «Não posso». Ou «Sinto muito, filho». Ou algo do tipo «A vida é dura, mas isso não significa que desistamos».

Mas ele não disse nada.

E não ficou conosco. Apesar de o médico ter dito que o Ty precisava de estar sob vigilância rigorosa durante as próximas 24 horas, o pai nem sequer saiu do carro. Limitou-se a olhar para mim e disse: «Liga-me se precisarem de alguma coisa.» E eu a modos que assenti com a cabeça, e os olhos ardiam-me com lágrimas furiosas que não deixei escapar, virei-lhe costas e conduzi o Ty escadas acima para dentro de casa.

Mais tarde, já o Ty estava a dormir, fui de divisão em divisão recolher todas as coisas eventualmente perigosas. Lâminas de barbear. Comprimidos, embora já ambos tivéssemos concordado que esse não era um método eficaz de uma pessoa se matar. Corda. Depois destranquei o armário do fundo do escritório do meu pai e olhei para a fila de três espingardas de caça, cada uma na sua respetiva caixa. Confirmei que nenhuma delas estava carregada e depois fui à prateleira e varri

todas as balas para dentro da caixa com o resto das coisas. Fechei a caixa com fita adesiva, etiquetei-a como ROMANCES DE AMOR, e escondi-a no fundo do meu roupeiro, debaixo de uma pilha de Barbies seminuas que ainda tinha por ali. Depois de ter feito isto, fui ver do Ty, ouvi-o respirar, e tentei convencer-me de que ia ficar tudo bem.

Então, voltei para cima em bicos de pés e sentei-me na mesa da cozinha e, finalmente, permiti-me chorar.

Naquela altura, eu conseguia chorar.

Adorava o Ty. Adorava-o e quase o tinha perdido. Portanto, chorei. As lágrimas ainda faziam parte da minha anatomia.

Daquela vez chamaram-lhe sortudo. O corpo dele tinha conseguido metabolizar o Advil. Ficara com mazelas no fígado, mas provavelmente iria curar-se. Sortudo, não paravam eles de dizer no hospital, enquanto anotavam a sua declaração e lhe faziam exames completos e agindo, de forma geral, como se tudo aquilo tivesse sido uma espécie de acrobacia — como se ele tivesse tentado alguma manobra estapafúrdia com a bicicleta. És mesmo sortudo. Sortudo, seu grande sortudo.

Sortudo seria a última palavra que o meu irmão usaria para se descrever a si mesmo.

Mas acabou por concordar e disse que sim, que eles tinham toda a razão. Só para o deixarem sair.

A cena do Advil foi um grito de socorro, disseram eles, portanto, obrigaram-no a ir a um psiquiatra, que tratou logo de receitar antidepressivos ao meu irmão e tentou fazê-lo falar sobre a sua dor todas as semanas durante pelo menos um ano, a 60 dólares por consulta — coisa que o nosso seguro não cobria, mas a minha mãe convenceu o meu pai a pagar. E durante os dois anos seguintes nada mais aconteceu.

A minha mãe licenciou-se em enfermagem. O meu pai casou-se com a sua cliché. Eu tive 800 pontos na parte de Matemática dos exames SAT, e toda a gente começou a divagar sobre qual seria a universidade ideal para eu entrar. O Ty juntou-se à equipa de basquete. Começou a fazer musculação e ficou mais cheio e mais enxuto. Os braços dele ficaram fortes e musculados. Usava um blusão desportivo cheio de emblemas enquanto atravessava, todo bonacheirão, os corredores da escola. As raparigas gostavam dele. As pessoas, em geral, gostavam dele. Era popular de uma forma que eu nunca poderia ter sequer sonhado ser. E era fácil esquecer que já tinha estado suficientemente triste para engolir um frasco de comprimidos. Só falámos

sobre isso uma vez, depois daquele dia no hospital. Foi cerca de duas semanas mais tarde, e estávamos no Denny's à espera que o meu pai aparecesse para tomarmos o pequeno-almoço. O meu pai estava atrasado. Eu estava a olhar para o Ty, a olhar mesmo para ele, e os seus olhos pareciam vidrados, como se estivesse a observar a vida por detrás de uma janela.

— *Estás bem?* — perguntei-lhe.

Ele olhou para mim, estremunhado.

— *Tenho fome. Gostava que o pai chegasse, só isso.*

— *Não é a isso que me refiro* — disse eu. — *Estás bem?*

As orelhas dele ficaram vermelhas.

— *Oh, isso... Eu disse-te, aquilo foi estúpido. Estou bem. A sério. Não vou voltar a fazer nada assim.*

— *OK. Mas quero que me prometas, se alguma vez te voltares a sentir assim, como se quisesses...*

— *Eu não volto a...* — disse ele.

— *Mas se isso acontecer, tens de me dizer. Liga-me, manda-me uma mensagem, acorda-me às três da manhã, eu não me importo. Só quero saber. Estou aqui para ti.*

Ele não me olhou nos olhos, mas anuiu com a cabeça.

— *Está bem.*

— *Promete* — insisti.

— *Prometo.*

— *Ainda bem* — disse, mas tive medo que ele só me estivesse a dizer o que sabia que eu queria ouvir.

Afinal, não me devia ter preocupado se ele ia ou não cumprir a sua promessa.

Devia ter-me preocupado, sim, em saber se eu conseguia cumprir a minha.


***A morte está à nossa volta.
Nós não prestamos atenção.
Até que somos obrigados a fazê-lo.***

A última vez que Lex se sentiu feliz foi antes. Quando ela tinha uma família coesa. Um namorado que amava. Amigos que não temiam que ela se passasse a qualquer momento. Agora ela é apenas a rapariga cujo irmão se suicidou. E Lex sente que é assim que vai ser vista para sempre.

Ela tenta seguir com a sua vida, mas há um segredo que a impede, algo que ela nunca disse a ninguém: o seu irmão, Tyler, deixou-lhe uma mensagem na noite em que se suicidou. E esta ideia persegue-a como uma sombra.

À medida que o tempo avança, Lex começa a descobrir que os fantasmas não têm de ser reais para nos impedirem de avançar.

**Cynthia Hand oferece-nos uma lindíssima
e comovente história sobre amor, perda,
culpa e superação.**

<p>TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-8849-44-1  9 789898 849441 Literatura Traduzida</p>
--	--